



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da Educação [ST]

INTERROGANDO A VIA SINUOSA DO DESENVOLVIMENTO NA DEMOCRACIA PORTUGUESA: ‘PERFIS SOCIAIS’ E FABRICAÇÃO DE DESIGUALDADES NO ENSINO SECUNDÁRIOⁱ

ANTUNES, Fátima

Doutoramento

Universidade do Minho

fantunes@ie.uminho.pt

SÁ, Virgínio

Doutoramento

Universidade do Minho

virsa@ie.uminho.pt

Resumo

Nesta comunicação apresentamos dados preliminares de um estudo de caso *Facetas de democratização: Públicos, políticas, práticas e percursos escolares*; a pesquisa apoia-se num inquérito por questionário aplicado numa escola secundária de um concelho do Norte do país a uma amostra de alunos representativa da diversidade de cursos e anos de escolaridade em funcionamento na escola no regime diurno. Procura-se discutir a seguinte questão de investigação: Que 'propriedades' e dimensões sociais caracterizam os jovens estudantes das fileiras do ensino secundário? Dispomos hoje de um conjunto de dados sobre os 'perfis sociológicos' dos frequentadores do ensino secundário que permite confirmar que são distintas a abertura e a exclusividade sociais de cada uma das modalidades desse nível de escolarização. As diversas fileiras mostram uma distorção desigual face à composição social da população portuguesa, sendo que o grau e a natureza da diversidade social desses percursos são também eles distintos. Por exemplo, a maior homogeneidade social interna e a clara sobre-representação de beneficiários da Ação Social Escolar nos inquiridos matriculados nos Cursos Profissionais surgem a par com fragmentações internas e clivagens transversais às divisões institucionais, associadas por exemplo ao recurso a explicações, que interpelam e complexificam o mapeamento dos 'perfis sociológicos' e a compreensão dos processos de estruturação dos itinerários escolares dos estudantes.

Abstract

In this communication we present preliminary data from a case study *Facets of democratization: schooling publics, policies, practices and pathways*; the research is based on a survey applied at a secondary school of a county in the North of the country to a sample of students representative of the diversity of school courses and grades operating in the daytime. It seeks to discuss the following research question: What social 'properties' and dimensions characterize the young students from the diverse pathways in the secondary school?

Today we have a set of data on the 'sociological profiles' of youngsters enrolled at secondary school, that allows to confirm that are distinct the social openness and exclusivity of each of the modalities this level of schooling. The different pathways show an uneven distortion vis-à-vis the social composition of the Portuguese population, and the degree and the nature of the social diversity of these pathways are themselves distinct. For example, the largest internal social homogeneity and the clear overrepresentation of beneficiaries of School Social Support in respondents enrolled in Vocational Courses appear alongside with internal fragmentation and transverse cleavages to institutional divisions, associated for instance with the use of private supplementary tutoring, that challenge and complicate the mapping of the 'sociological profiles' and the understanding of the processes of structuring of school students' itineraries.

Palavras-chave: Públicos escolares; desigualdades escolares; itinerários; vias de estudos; ensino secundário.

Keywords: Schooling publics; educational inequalities; itineraries; schooling pathways; secondary education.

Introdução

A *crise e consolidação da escola de massas* e do *Estado de Bem-estar* constituem talvez o traço decisivo do caminho encetado pela democracia portuguesa há 40 anos. Também o percurso na senda do terceiro D de *desenvolvimento* revela a esta distância avanços e défices, no que toca as dimensões de igualdade socioeconómica e cultural, condensados sob a ideia de *modernidade inacabada* (Machado & Costa, 1998). Neste sentido, as *realidades portuguesas* continuam marcadas, entre outras experiências sociohistóricas, pela resiliência do centenário projeto de *obscurantismo programado* da população portuguesa (Melo, 2004), de que as *sinuosas vias de bloqueio* da educação de adultos e de *estagnação* do ensino secundário, durante boa parte do tempo da democracia, se afiguram expressões mais penalizantes.

No contexto de viragem social e política e de mudança educativa, com a escolaridade obrigatória de 12 anos a partir de Setembro de 2012, em que se completam 40 anos de democracia em Portugal, queremos interrogar passos dados no caminho do Desenvolvimento, através da exploração de dados preliminares de um estudo de caso *Facetas de democratização: Públicos, políticas, práticas e percursos escolares*; a pesquisa apoia-se num inquérito por questionário aplicado numa escola secundária de um concelho do Norte do país a uma amostra de alunos representativa da diversidade de cursos e anos de escolaridade em funcionamento na escola no regime diurno. De seguida, procura-se discutir a seguinte questão de investigação: Que ‘propriedades’ e dimensões sociais caracterizam os jovens estudantes das fileiras do ensino secundário?

Dispomos hoje de um conjunto de dados sobre os ‘perfis sociológicos’ dos frequentadores do ensino secundário que permite confirmar que são distintas a abertura e a exclusividade sociais de cada uma das modalidades desse nível de escolarização. As diversas fileiras mostram uma distorção desigual face à composição social da população portuguesa, sendo que o grau e a natureza da diversidade social desses percursos são também eles distintos.

1. Caracterização socioeconómica de públicos do ensino secundário - análise preliminar

Além de uma trajetória académica diferenciada, os alunos dos Cursos Científico-Humanísticos (CCH) e dos Cursos profissionais (CP) também se distinguem no que concerne ao seu estatuto socioeconómico. No conjunto dos alunos inquiridos, cerca de 30% (220) beneficiavam de Ação Social Escolar (ASE), um indicador de algum tipo de carência económica.

Durante o presente ano letivo beneficias de ação social escolar?		
	Freq ^a	%
Não	511	69,9
Sim	220	30,1
Total	731	100,0
Total	744	100,0

Quadro 1

Porém, o grupo dos beneficiários da Ação Social Escolar está desigualmente representado nas duas fileiras do ensino secundário. Como o quadro abaixo esclarece, os beneficiários da ASE estão claramente sobre representados nos CP.

Durante o presente ano letivo beneficias de ação social escolar?					
	Não		Sim		Total
CCH	431	74,3%	149	25,7%	580
CP	80	53,0%	71	47,0%	151
Total	511	69,9%	220	30,1%	731

Quadro 2

Enquanto nos CCH 25,7% declararam beneficiar da ASE, nos CP os beneficiários daquele apoio eleva-se para 47%. O teste do *qui quadrado* permite-nos concluir que estamos perante uma associação estatisticamente significativa ($X^2(1) = 25,910, p < 0.001$), o que vem confirmar que o público servido pelos CP tem uma origem socioeconómica mais modesta. Quando a análise é realizada no interior das duas fileiras, a associação, entre o curso frequentado e ser beneficiário da ASE, mantém-se no caso dos CCH ($X^2(3) = 10,714, p = 0.013$), mas desaparece no caso dos CP ($X^2(5) = 1,528, p = 0.91$). Conclui-se, por isso que, em termos globais, os públicos que frequentam os CCH são recrutados em estratos socioeconómicos menos carenciados, apresentando, também em relação a esta variável, uma maior heterogeneidade interna, quando comparados com os públicos dos CP.

A análise da “situação na profissão” dos pais dos nossos inquiridos vem igualmente pôr em evidência a associação entre esta variável e a fileira frequentada. Desde logo importa começar por referir que a situação de *desempregado* afeta de modo desigual os pais dos alunos dos CCH e dos CP. Assim por exemplo, tomando por referência a *situação na profissão* do pai, dos 65 inquiridos que declararam que o progenitor se encontrava na situação de desempregado, 42 (7,5%) frequentam CCH, enquanto essa situação afeta cerca do dobro (15,6%) dos pais dos alunos que frequentam CP.

Situação na profissão (Pai)													
	Patrão		Trabalhador por conta própria		Trabalhador por conta de outrem		Trabalhador negócio familiar		Desempregado/a		Reformado/a		Total
CCH	76	13,7%	68	12,2%	333	59,9%	17	3,1%	42	7,6%	17	3,1%	556
CP	9	6,1%	8	5,4%	100	68,0%	1	0,7%	23	15,6%	6	4,1%	147
Total	85	12,1%	76	10,8%	433	61,6%	18	2,6%	65	9,2%	23	3,3%	703

Quadro 3

Encontramos também diferenças acentuadas no que concerne à situação de *Patrão* e de *Trabalhador por conta própria* dos pais dos alunos das duas fileiras, com clara vantagem para os pais dos alunos que frequentam CCH, com percentagens em cada uma destas duas categorias que mais do que duplicam as percentagens nas mesmas categorias dos pais dos alunos dos CP. Assim, por exemplo, enquanto 13,7% dos alunos dos CCH declararam que os pais são *Patrões*, essa categoria desce para os 6,1% entre os pais dos alunos dos CP. No caso dos *Trabalhadores por conta própria* o desnível é ainda maior: 12,2% entre os pais dos alunos dos CCH contra apenas 5,4% entre os pais dos alunos dos CP. Já no que concerne à situação de *Trabalhador por conta de outrem*, verificamos um maior peso percentual desta situação na profissão entre os pais dos alunos dos CP: 68% nesta fileira contra 59,9% entre os pais dos alunos dos CCH. A situação de *Trabalhador em negócio familiar* também apresenta um maior peso percentual entre os pais dos alunos dos CCH, embora este segmento tenha um peso reduzido nas duas fileiras. O peso dos *Reformados* é bastante próximo (3% a 4%) entre os pais dos alunos das duas vias do ensino secundário.

Em síntese, tomando por referência a *situação na profissão* do pai, constatamos que a posição de *Patrão* e de *Trabalhador por conta própria* tem maior peso entre os progenitores dos alunos dos CCH, enquanto a situação de *Trabalhador por conta de outrem* é mais comum entre os pais dos alunos dos CP. Observamos ainda que a situação de *Desempregado* penaliza mais as famílias dos alunos dos CP do que as famílias dos alunos dos CCH.ⁱⁱ

Recurso a explicações

As lutas concorrenciais na arena educativa (Antunes & Sá, 2010) induzem as famílias a um investimento substancial na *escola paralela*, contribuindo dessa forma para a *fabricação* do sucesso (e do fracasso) (Perrenoud, 1996). A construção das trajetórias escolares é, assim, indissociável da capacidade aquisitiva das famílias e da sua sensibilidade à relevância deste investimento. Quisemos, por isso, saber qual a dimensão do “fenómeno das explicações” (Costa, Neto-Mendes & Ventura, 2008) junto dos nossos inquiridos e quais os motivos que os levaram a recorrer a este “aditivo educativo”.

A partir da análise dos dados recolhidos, um primeiro aspeto a destacar é que, dos 732 inquiridos que se pronunciaram sobre o recurso a explicações, 398 (54,4%) reconheceram já ter recorrido a este “sistema na sombra” (Bray, 2008) durante o seu percurso escolar e, destes, a maioria fê-lo em diversos anos letivos.

Recurso a explicações durante o percurso escolar	Freq ^a	%
Sim, mas apenas durante o presente ano lectivo	136	18,6
Sim, já em diversos anos lectivos	262	35,8
Não, nunca recorri	334	45,6
Total	732	100,0

Quadro 4

Recurso a explicações durante o percurso escolar (CCH/CP)		Cursos Científico Humanístico e Cursos Profissionais		Total
		Cursos Profissionais	Cursos Científico-Humanísticos	
Durante o teu percurso escolar recorreste a explicações a alguma disciplina	Sim, mas apenas durante o presente ano lectivo	27 17,1%	109 19,0%	136 18,6%
	Sim, já em diversos anos lectivos	40 25,3%	222 38,7%	262 35,8%
	Não, nunca recorri	91 57,6%	243 42,3%	334 45,6%
Total		158 100,0%	574 100,0%	732 100,0%

Quadro 5

Observa-se uma associação estatisticamente significativa entre o recurso a explicações e a fileira frequentada pelos inquiridos ($X^2(2) = 12,742$, $p = 0,002$). São os alunos dos CCH que mais recorrem a explicações. Esta diferença é particularmente acentuada quando focamos a análise não apenas no ano em que foi aplicado o questionário, mas também em anos anteriores.

Dos 398 alunos que recorrem a explicações, 331 (83.2%) frequentam CCH e 67 (16.8%) estão inscritos em CP. Dos 331 alunos de CCH (57,7%) que recorrem a explicações, 142 (42.9%) fazem-no por terem resultados negativos e 96 (29%) por terem resultados positivos muito baixos, enquanto 84 (25.4%) recorrem ao mesmo apoio com resultados médios (64) e elevados (20), mas considerados insuficientes para realizar os projectos académicos dos sujeitos. Por outro lado, dos 67 alunos (42.4%) matriculados em CP que recorreram a explicações, 47 (70.1%) fê-lo por ter resultados negativos e 14 (20.9%) com desempenho positivo muito baixo.

Recurso a explicações e resultados escolares (CCH/CP)					
	Resultados negativos	Resultados positivos muito baixos	Resultados médios	Resultados elevados	Total
CCH	142	96	64	20	322
CP	47	14	3	0	64
Total	189	110	67	20	386

Quadro 6

Regista-se uma associação estatisticamente significativa entre a fileira frequentada no ensino secundário e recorrer ou não a explicações quando os resultados são negativos ($X^2(1) = 19,192, p < 0.001$).

No entanto, quando a análise é feita entre os vários cursos que integram as duas fileiras, boa parte das diferenças desaparece. Apenas o curso de Ciências e Tecnologias (CT) mantém diferenças estatisticamente significativas com os cursos de: Línguas e Humanidades (LH), Técnico de Desenho Digital 3Dimensões (TDD3D), Técnico de Turismo (TT) e Técnico de Secretariado (TS). Os cursos de Artes Visuais (AV), Ciências Socioeconómicas (CSE), Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos (TGPSI), Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos (TGEI) e Técnico de Artes do Espetáculo-Interpretação (TAE-I) não apresentam diferenças significativas com qualquer outro curso e o curso de LH apenas apresenta diferenças significativas com CT, mas não com qualquer dos CP.ⁱⁱⁱ

Assim, em síntese, a maioria dos estudantes de CCH recorre a explicações e, destes, também a maioria com desempenho escolar positivo, ainda que baixo, ou mesmo médio ou elevado, enquanto entre os jovens inscritos em CP, sete em cada dez fê-lo em circunstâncias de desempenho escolar negativo. Por sua vez, com exceção de três sujeitos, todos aqueles que recorrem a explicações em circunstâncias de resultados escolares médios estão matriculados em CCH, sendo que o curso de CT detém o exclusivo da frequência de alunos que dizem ter recorrido a explicações, mesmo com desempenho escolar elevado.

Nesse sentido, pode afirmar-se que os estudantes de CP estão envolvidos com a ‘escola paralela’ em circunstâncias associadas a défices de pedagogia, enquanto é nos CCH, e particularmente no curso de CT, que as *lutas concorrenciais* em torno da educação motivam boa parte das estratégias que envolvem investimentos adicionais e materiais em reforço da elevação do desempenho escolar.

3. Escolaridade dominante na família

Uma das componentes da diversidade dos públicos do ensino secundário relaciona-se com a escolaridade dos pais e, mais especificamente, a escolaridade dominante na família^{iv}. Assim, a partir desta variável, construímos as seguintes categorias:

- *Herdeiros* (escolaridade dominante na família superior ao nível de ensino frequentado pelos inquiridos - igual ou superior ao bacharelato) - 229 inquiridos (31%)
- *Amparados* (escolaridade dominante na família igual ao nível de ensino frequentado pelos inquiridos - igual ao secundário) - 217 inquiridos (29.4%)

- *Sobreviventes* (escolaridade dominante na família inferior ao nível de ensino frequentado pelos inquiridos- igual ou inferior ao 9º ano) - 291 inquiridos^v (39.5%)

O quadro abaixo sinaliza de forma clara que as categorias em causa se diferenciam no que concerne às fileiras frequentadas no ensino secundário.

		CCH	CP	Total
<i>Sobreviventes</i>	Freq ^a	190	101	291
	%	65,3%	34,7%	100,0%
<i>Amparados</i>	Freq ^a	175	42	217
	%	80,6%	19,4%	100,0%
<i>Herdeiros</i>	Freq ^a	213	16	229
	%	93,0%	7,0%	100,0%
Total	Freq ^a	578	159	737
	%	78,4%	21,6%	100,0%

Quadro 7- Relação entre as categorias e a *fileira* frequentada no ensino secundário

Apesar de se observar em todas as categorias um maior peso percentual nos CCH, registam-se claras diferenças, sendo que aquela com frequência mais elevada (*Herdeiros*- 93%) apresenta uma vantagem de mais de 27 pontos percentuais em relação àquela com menos frequentadores naquela fileira (*Sobreviventes*- 65,3%). Os *Amparados*, também nesta dimensão, registam um valor intermédio (80,6%) de inscritos nos CCH. De forma inversa, os *Herdeiros* registam a percentagem mais baixa (7%) nos CP, enquanto os *Sobreviventes* registam a mais elevada (34,7%). Também aqui os *Amparados* surgem numa posição intermédia (19,4%).

	<i>Sobreviventes</i>	<i>Amparados</i>	<i>Herdeiros</i>	Total
CCH	190 (32.9%)	175 (30.3%)	213 (36.8%)	578 (100%)
CP	101 (63.5%)	42 (26.4%)	16 (10%)	159 (99.9%)
Total	291 (39.5%)	217 (29.4%)	229 (31%)	737 (99.9%)

Quadro 8- Relação entre a fileira frequentada no ensino secundário e as categorias de nível de escolarização dominante na família

As duas fileiras acolhem, assim, públicos bastante distintos: nos CP, quase dois terços dos estudantes são provenientes de famílias em que o nível de escolaridade mais elevado não excede a escolaridade básica, enquanto nos CCH os estudantes com esta proveniência não chegam a totalizar um terço; deste ponto de vista, a homogeneidade social é claramente mais vincada nos CP, o que é congruente com a capacidade económica e a situação na profissão antes mencionadas.

Se cruzarmos agora as outras variáveis consideradas com a variável nível de escolaridade mais elevado na família de origem, registam-se diferenças estatisticamente significativas entre as três categorias em relação a beneficiar ou não de ação social escolar ($\chi^2(2) = 79,500, p < 0,001$). A percentagem de *Sobreviventes* que beneficia de ação social escolar (47,3%) é quatro vezes superior à percentagem de *Herdeiros* que usufrui daquele apoio social (11,4%). Os *Amparados*, com 26,9% de beneficiários, ocupam uma posição intermédia, valor próximo da percentagem média de beneficiários (30%).

		Sobreviventes	Amparados	Herdeiros	Total
Durante o presente ano letivo beneficia de ação social escolar?	Não	149 52,7%	155 73,1%	203 88,6%	507 70,0%
	Sim	134 47,3%	57 26,9%	26 11,4%	217 30,0%
Total		283 100,0%	212 100,0%	229 100,0%	724 100,0%

Quadro 9- Relação entre 'beneficiar de acção social escolar e nível de escolaridade dominante na família

No que concerne à situação na profissão, as três categorias apresentam diferenças, embora estas sejam apenas *marginalmente* significativas ($\chi^2(12) = 19,779$, $p = 0,071$).^{vi}

		Sobreviventes	Amparados	Herdeiros	Total
Situação na profissão Pai	Patrão	27 9,9%	25 12,3%	32 14,6%	84 12,1%
	Trabalhador conta própria	26 9,5%	21 10,3%	29 13,2%	76 10,9%
	Trabalhador conta de outrem	170 62,0%	126 61,8%	133 60,7%	429 61,5%
	Trabalhador negócio familiar	6 2,2%	3 1,5%	9 4,1%	18 2,6%
	Desempregado/a	34 12,4%	23 11,3%	8 3,7%	65 9,3%
	Reformado/a	9 3,3%	6 2,9%	7 3,2%	22 3,2%
	Outra	2 0,7%	0 0,0%	1 0,5%	3 0,4%
	Total	274 100,0%	204 100,0%	219 100,0%	697 100,0%

Quadro 10- Relação entre a situação na profissão e as categorias de nível de escolaridade dominante na família

Em relação à posição *Patrão* e *Trabalhador por conta própria*, os *Herdeiros* apresentam uma posição de vantagem com, respetivamente, 12,1% e 14,6% dos seu progenitores nesse estatuto, ocupando os *Sobreviventes* a posição menos vantajosa (9,9% e 9,5%, respetivamente). Em relação à situação de *Trabalhador por conta de outrem*, não se registam diferenças significativas entre as três categorias, com valores que oscilam entre os 60,7% e os 62%. Já em relação à situação de *Desempregado*, há uma clara penalização dos *Sobreviventes* e dos *Amparados* (12,4% e 11,3%, respetivamente) por comparação com os *Herdeiros*, categoria em que o percentual de pais desempregados se reduz a 3,7%.

Quando decompos os dados relativos ao recurso a explicações pelas categorias consideradas, verificamos que há diferenças significativas entre as mesmas.^{vii} O topo do *ranking* do recurso a explicações é ocupado

pelos *Amparados*, com 62,1% de inquiridos a reconhecerem já ter recorrido a explicações, seguido dos *Herdeiros*, com 57,8%, surgindo os *Sobreviventes* no fundo da tabela com 46,2%, única categoria em que mais de metade dos inquiridos nunca recorreu a explicações.

	Sim, mas apenas durante o presente ano lectivo		Sim, já em diversos anos lectivos		Não, nunca recorri		Total
<i>Sobreviventes</i>	48	16,8%	84	29,4%	154	53,8%	286
<i>Amparados</i>	44	20,6%	89	41,6%	81	37,9%	214
<i>Herdeiros</i>	42	18,7%	88	39,1%	95	42,2%	225
Total	134	18,5%	261	36,0%	330	45,5%	725

Quadro11- Recurso a explicações segundo as categorias consideradas

Corroborando a tese de que há “explicandos-meta-dez” e “explicandos-meta-vinte” (Costa, Neto-Mendes & Ventura, 2008: 151), constatamos que o recurso a explicações não é um exclusivo dos alunos com dificuldades.

Recurso a explicações em função dos resultados					
	Resultados negativos às disciplinas em que recorreste a explicações	Resultados positivos, embora muito baixos, às disciplinas em que recorreste a explicações	Resultados positivos médios, embora não suficientes para garantir o acesso à universidade	Resultados positivos elevados, embora não suficientes para entrar no curso desejado	Outro motivo.
Nº	189	110	65	20	33
%	45,3%	26,3%	15,6%	4,8%	7,9%

Quadro12

Sendo certo que há uma predominância do recurso a explicações quando os resultados são negativos ou, sendo positivos, são baixos, merece também referência a existência de uma parcela significativa de alunos (85 - 20,4%) que recorre a explicações, não porque está em vias de reprovar, mas porque os resultados não são suficientemente bons para aceder à universidade e muito em particular ao curso desejado. De resto, destes 85 alunos, 20 (23,5%) seleccionaram, como motivo para recorrer a explicações, a opção “resultados positivos elevados, embora não suficientes para entrar no curso desejado”, o que confirma, também na nossa amostra, a existência dos “explicandos-meta-vinte”.

Quando analisamos estes dados através do filtro das três categorias consideradas, torna-se evidente que o recurso a explicações não ocorre de forma indiscriminada entre elas. Como se pode observar no quadro abaixo, há diferenças significativas entre os três segmentos de públicos que estamos a tomar como referência.

	Resultados negativos às disciplinas em que recorreste a explicações		Total
	Sim	Não	
<i>Sobreviventes</i>	81 61,8%	50 38,2%	131 100,0%
<i>Amparados</i>	71 53,0%	63 47,0%	134 100,0%
<i>Herdeiros</i>	37 28,5%	93 71,5%	130 100,0%
	189 47,8%	206 52,2%	395 100,0%

$\chi^2 (2) = 31,263, p < 0,001$

Quadro 13- Recurso a explicações em função das categorias- resultados negativos

É entre os *Sobreviventes* que encontramos a maior percentagem de alunos (61,8%) que recorreram a explicações quando os resultados são negativos, seguindo-se, na escala descendente, os *Amparados* (53,0%), encerrando a tabela os *Herdeiros* com a percentagem mais baixa (28,5%).

Em contrapartida, quando analisamos a recurso a explicações em situação de resultados médios ou elevados, a situação inverte-se com os *Herdeiros* a liderarem claramente este *ranking*.

	Resultados médios ou elevados às disciplinas em que recorreste a explicações		Total
	Sim	Não	
<i>Sobreviventes</i>	22 16,8%	109 83,2%	131 100,0%
<i>Amparados</i>	32 23,9%	102 76,1%	134 100,0%
<i>Herdeiros</i>	47 36,2%	83 63,8%	130 100,0%
	101 25,6%	294 74,4%	395 100,0%

Quadro 14- Recurso a explicações em função das categorias consideradas- resultados médios ou elevados

Se, na situação anterior, o valor percentual do recurso a explicações entre os *Sobreviventes* mais do que duplicava o valor percentual dos *Herdeiros*, quando os resultados são bons ou muito bons, são os *Herdeiros* que duplicam o valor observado entre os *Sobreviventes* (36,2% para os primeiros contra 16,8% para os segundos). Nos dois casos, os *Amparados* apresentam um valor intermédio próximo da média do conjunto das três categorias.^{viii} Constata-se, portanto, que, entre os alunos que declararam ter recorrido a explicações, para os *Sobreviventes*, o recurso “à escola paralela” diminui à medida que se elevam os resultados académicos, passando-se o inverso com os *Herdeiros*: o peso relativo do recurso a explicações sobe à medida que o termo de referência são os resultados mais elevados. Os *Sobreviventes* recorrem a explicações, sobretudo, para se manterem à “superfície”, enquanto os *Herdeiros* recorrem a explicações para “voarem

mais alto”, para serem bem-sucedidos nas lutas concorrenciais que se travam na arena educativa (Antunes & Sá, 2010).^{ix}

Notas finais

Ao trazer estes dados para discussão, não se pretende reafirmar que, como todos os estudos têm apontado, as duas fileiras do ensino secundário acolhem estudantes com perfis sociológicos distintos. Se essa é indubitavelmente uma consideração a retirar, o que nos moveu foi antes discutir as duas questões que podem ser suscitadas, a partir dos mesmos dados:

- por um lado, os CCH aparecem-nos marcados pela *heterogeneidade social*, dado que são frequentados por estudantes provenientes de uma mais ampla gama de famílias de origem, quanto ao nível de escolaridade mais elevado e no que respeita a situação dos pais na profissão; quanto à capacidade económica, essa heterogeneidade é demarcada pelo curso frequentado, sendo expressa por uma associação estatisticamente significativa entre esta variável e o número de estudantes beneficiários da ASE;

- já os CP tendem a apresentar uma maior *homogeneidade social*, concentrando um elevado número de estudantes cujos pais não foram além da escolaridade básica, mas também entre os cursos, já que não se encontrou nenhuma associação significativa entre as variáveis ser beneficiário da ASE e o curso frequentado.

Mas esta distinção apresenta contornos mais complexos: quando analisamos o investimento económico na elevação do desempenho escolar, através do recurso a explicações, encontramos diferenças significativas entre as duas fileiras: ocorre para a maioria dos estudantes dos CCH e, na maior parte dos casos, com resultados escolares positivos; ao contrário, a minoria de estudantes dos CP que investe economicamente na elevação do desempenho escolar fá-lo, em sete em cada dez casos, porque necessita de superar resultados escolares negativos. No entanto, quando focamos a análise no número de estudantes que, em cada curso, recorre a explicações motivado por resultados negativos, apenas encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o curso de CT (da fileira científico-humanística) e os cursos de: LH (científico-humanístico) e de TDD3D, TT e TS (profissionais). Os restantes cursos não mostram qualquer diferença estatisticamente significativa com outro curso. Nesse sentido, pode concluir-se que aquela distinção decorre das diferenças estatisticamente significativas entre o curso de CT e os quatro cursos mencionados, sendo que nos outros cinco cursos (dois CCH e três CP) o número de alunos que recorre a explicações por ter resultados escolares negativos não apresenta diferenças significativas com nenhum outro curso. Estes dados sugerem que o padrão atrás enunciado, a predominância do recurso a explicações com resultados positivos num caso e com resultados negativos no outro, não traça divisões decalcadas sobre as fronteiras entre as fileiras, mas antes é transversal a estas.

Quando analisamos os dados tomando agora como referência o critério do nível de escolaridade mais elevado na família de origem, observamos a associação estatisticamente significativa entre esta variável e ser beneficiário da ASE, bem como quanto à situação do pai na profissão, sobretudo quanto à frequência de *Desempregados*, com os *Herdeiros* a distanciarem-se clara e favoravelmente das outras duas categorias. Ainda no que respeita ao recurso a explicações, as diferenças são também significativas, sendo que apenas uma minoria de *Sobreviventes* investe economicamente na melhoria dos resultados escolares. No entanto, quando se trata do motivo deste investimento, apenas os *Herdeiros* o fazem maioritariamente em situação de resultados escolares positivos, sendo aqueles que mais frequentemente investem economicamente em melhorar resultados escolares médios ou elevados.

A análise destes dados coloca assim questões acrescidas sobre a construção dos itinerários escolares. Por exemplo, qual o significado de não encontrarmos diferenças estatisticamente significativas entre os cursos considerados, com exceção de CT, quanto ao número de alunos que recorre a explicações com resultados negativos, sabendo que os *Herdeiros* o fazem maioritariamente com resultados positivos? Há implicações a retirar, face a este último dado, quanto à participação da estrutura social na *fabricação* de desigualdades no ensino secundário?

Referências bibliográficas

Antunes, Fátima & SÁ, Virgínio (2010). *Públicos Escolares e Regulação da Educação. Lutas Concorrenciais na Arena Educativa*. V N de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Costa, Jorge, Neto-Mendes, António & Ventura, Alexandre (2008). A. Costa, A. Neto-Mendes & A. Ventura. *Xplika: Investigação sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Bray, Mark (2008). As explicações numa perspectiva comparada: implicações no trabalho dos professores e no funcionamento das escolas. In J. A. Costa, A. Neto-Mendes & A. Ventura. *Xplika: Investigação sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 11-26.

Machado, Fernando L.; COSTA, António F. da (1998). Processos de uma modernidade inacabada. In J. M. Leite Viegas & A. F. da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras: Celta, 17-44.

Martins, Carla (2008). *Manual de Análise de Dados com Recurso ao SPSS*. Braga: Psiquilibrios.

Melo, A. (2004). A ausência de uma política de educação de adultos como forma de controle social e alguns processos de resistência. *Fénix – Revista Pernambucana de Educação Popular e de Educação de Adultos*, Ano 3 – nº 3, 17-26.

Perrenoud, Philippe (1996). *La Construcción del Éxito y del Fracasso Escolar*. Madrid: Ediciones Morata.

ⁱ Este trabalho contou com o apoio de Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projecto PEst-OE/CED/UI1661/2013 do CIED-UM.

ⁱⁱ Esta situação repete-se quando consideramos também a situação na profissão da mãe. Também neste caso a situação de desemprego afeta mais as mães dos alunos dos CP. Estão nesta condição 23,6% das mães dos alunos dos CP e 17,1% das mães dos alunos dos CCH. Note-se, contudo, que em relação à *situação na profissão* as diferenças entre os progenitores dos alunos das duas fileiras são menores quando se toma por referência a situação na profissão da mãe.

ⁱⁱⁱ Esta análise tem de ser feita com reservas. Os testes de diferenças inter sujeitos apenas podem ser feitos quando a escala de medida da variável dependente é intervalar ou ordinal. Neste caso é nominal, uma vez que as alternativas de resposta eram “sim” ou “não”. Contudo, para alguns autores, quando a variável é nominal dicotómica (só admite dois valores) pode ser tratada como variável intervalar. Foi o que se fez ao aplicar o teste anova unifatorial (teste de diferenças para três ou mais grupos e escala de medida da variável dependente intervalar), com opção pelo *post hoc* de gabriel para discriminar as diferenças entre os vários cursos.

^{iv} Entendemos aqui por *escolaridade dominante na família* o nível de escolaridade mais elevado dos progenitores, seja do pai ou da mãe.

^v Para 7 dos 744 inquiridos não foi possível definir a categoria dado não dispormos de informação sobre a escolaridade de nenhum dos progenitores.

^{vi} Utilizamos aqui a expressão “marginamente significativo” no sentido que lhe atribui Martins (2008). Segundo esta autora, “a comunidade científica optou por distinguir, dentre os resultados não significativos, aqueles que são inferiores a.10, ou seja, cuja probabilidade de ocorrência devida ao acaso ser 10 em 100 vezes. Estes resultados não são estatisticamente significativos mas, pelo facto de estarem próximos do ponto de corte de.05, são designados por resultados *marginamente significativos* e devem ser relatados como tal” (p. 95).

^{vii} O teste do *qui quadrado* indica-nos que estamos perante uma associação estatisticamente significativa entre as categorias consideradas e o recurso a explicações (14,563, p = 0,06).

^{viii} No caso do recurso a explicações quando os “resultados são positivos, embora muito baixos”, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre as três categorias, embora os *Herdeiros* mantenham alguma vantagem (30,8%), seguidos dos *Amparados* (27,6%) e, finalmente, dos *Sobreviventes* (24,4%).

^{ix} Importa referir que, dos 20 inquiridos que recorreram a explicações quando os resultados eram elevados, embora não suficientes para garantir o acesso à universidade no curso pretendido, 16 (80%) frequentam cursos científico-tecnológicos, isto é, o segmento mais competitivo dos CCH.